

# TRAJETÓRIA TEMPORAL E TERRITORIAL DOS KARIRI DA SERRA GRANDE – QUEIMADA NOVA- PI

Cinthya Valéria Nunes Motta Kós<sup>1</sup>

## RESUMO

A presença indígena no Piauí foi invisibilizada por um longo período, seja pelos discursos de extermínio total que partem de órgãos oficiais de governo, seja pela produção historiográfica local. Os indígenas da étnica Kariri vivem em uma serra na cidade de Queimada Nova, região onde predomina o bioma da caatinga. O interesse principal deste trabalho é fazer uma reconstrução da trajetória da relação dos índios Kariri com a Serra Dois Irmãos (chamadas pelos nativos de Serra Grande). Para alcançar tal propósito, realizamos uma incursão etnográfica, na qual realizamos entrevistas e conversas com foco na memória. Em relação aos seus antepassados foi possível notar a centralidade e recorrências de três aspectos: hábitos alimentares, a moradia e a “brabeza”. Para dar amplitude a pesquisa recorreremos também a fontes historiográficas e cartográficas, assim como relatos de viajantes que percorreram a região no passado.

**Palavras-chave:** índios no Piauí; Kariri; oralidade; caatinga; etnografia

## TEMPORAL AND TERRITORIAL TRAJECTORY OF THE KARIRI FROM SERRA GRANDE – QUEIMADA NOVA-PI

### ABSTRACT

The indigenous presence in Piauí was made invisible for a long period, either by the total extermination speeches coming from official government bodies, or by the local historiographic production. The indigenous people of the Kariri ethnic group live in a mountain range in the city of Queimada Nova, a region where the caatinga biome predominates. The main interest of this work is to reconstruct the trajectory of the relationship between the Kariri Indians and the Serra Dois Irmãos (called by the natives of Serra Grande). To achieve this purpose, we carried out an ethnographic incursion, in which we conducted interviews and conversations with a focus on memory. In relation to their ancestors, it was possible to notice the centrality and recurrence of three aspects: eating habits, housing and “brabeza”. To broaden the research, we also resorted to historiographic and cartographic sources, as well as reports from travelers who traveled through the region in the past.

**Keywords:** Indians in Piauí; Kariri; orality; caatinga; ethnography

## TRAYECTORIA TEMPORAL Y TERRITORIAL DE LOS KARIRI DE SERRA GRANDE - QUEIMADA NOVA-PI

### RESUMEN

La presencia indígena en Piauí se hizo invisible durante un largo período, ya sea por los discursos de exterminio total provenientes de los organismos oficiales del gobierno, o por la producción historiográfica local. Los indígenas de la etnia Kariri viven en una cordillera de la ciudad de Queimada Nova, región donde predomina el bioma caatinga. El principal interés de

---

<sup>1</sup> Bacharel em Ciências Sociais - UFPI e Bacharel em Turismo -UESPI. Mestre em Antropologia pela Universidade Federal do Piauí (UFPI). E-mail: cinthyakoss.antro@gmail.com  
Humana Res, v. 1, n. 4, 2021, . ISSN: 2675-3901 p. 36 a 51, jan. a ago. 2021

este trabalho es reconstruir la trayectoria de la relación entre los indios Kariri y la Serra Dois Irmãos (llamada por los nativos de Serra Grande). Para lograr este propósito, realizamos una incursión etnográfica, en la que realizamos entrevistas y conversaciones con enfoque en la memoria. En relación a sus antepasados, se pudo notar la centralidad y recurrencia de tres aspectos: hábitos alimenticios, vivienda y “brabeza”. Para ampliar la investigación, también se recurrió a fuentes historiográficas y cartográficas, así como a reportes de viajeros que viajaron por la región en el pasado.

**Palavras Clave:** indios en Piauí; Kariri; oralidad; caatinga; etnografía

O interesse principal deste trabalho, é fazer uma reconstrução da trajetória da relação dos índios Kariri com a Serra Dois Irmãos<sup>2</sup> (a qual os nativos chamam de Serra Grande), da chegada desses (dos seus antepassados) à serra, assim como dos motivos que os levaram a tal deslocamento; como viviam ali e o momento da chegada de outros grupos sociais, como, as frentes expansionistas de pecuária que vinham do estado da Bahia. Em especial, examinaremos as implicações deste último acontecimento: a captura, “domesticação”, expulsão e até mesmo morte dos grupos nativos por pessoas recém-chegadas.

Partindo da hipótese do nomadismo dos grupos autóctones, pretendo entender a natureza dessa mobilidade espacial, se compulsória ou voluntária, examinando as motivações nos dois casos<sup>3</sup>.

Para tal objetivo faz-se necessário um estudo da produção historiográfica local. Nesse quesito os relatos dos viajantes que traçaram uma rota, atravessando a área aqui estudada e a relataram, também é de extrema relevância. Consistem também em alvo de análise, documentos e cartas oficiais de datas remotas (geralmente encontrada em arquivos públicos); levantamento cartográfico (realizado via internet e através de outros trabalhos científicos) que é de grande importância para se entender a evolução das fronteiras oficiais; além da coleta de depoimentos por meio de entrevistas a pessoas relacionadas.

Do levantamento historiográfico e cartográfico extraímos algumas evidências da existência de grupos indígenas no local que corresponde ao nosso recorte geográfico.

Em expedição missionária pelos sertões do Piauí (durante quatro anos, a partir de 1694) padre Miguel de Carvalho divide o estado em trinta regiões utilizando-se como marcadores

---

<sup>2</sup> Localizada no município de Queimada Nova (PI).

<sup>3</sup> Em artigo científico que trata sobre a questão da água no semiárido, os pesquisadores, Cirilo, Montenegro e Campos (2010, p. 8) citam movimentos migratórios dos índios Tabajaras e Kariris, como sendo uma população bastante acossados pela estiagem.

## TRAJETÓRIA TEMPORAL E TERRITORIAL DOS KARIRI DA SERRA GRANDE – QUEIMADA NOVA- PI

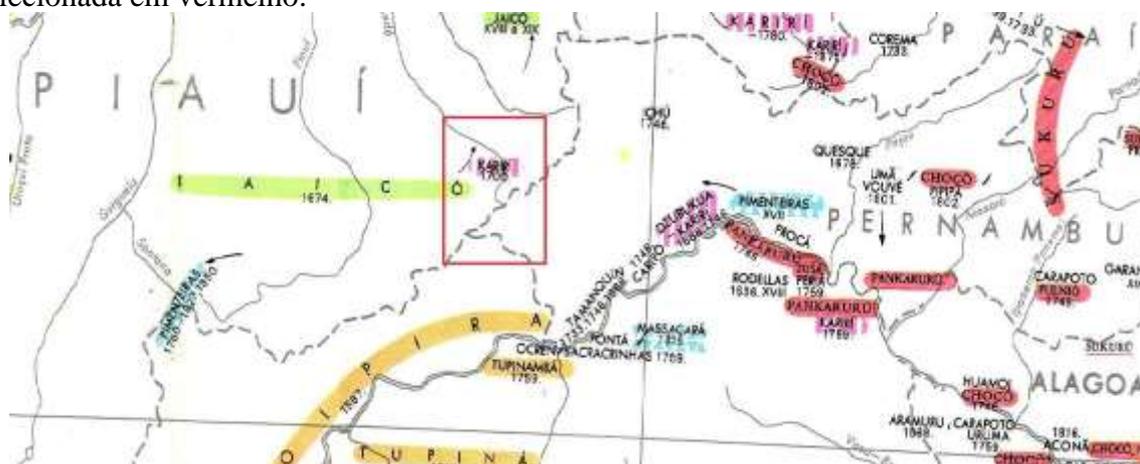
acidentes geográficos em torno dos quais haviam agrupamentos humanos<sup>4</sup>. A região IV corresponde à região na qual se desenvolve esse estudo:

IV- Confina, pela parte nascente, com os sertões desertos que correm para o Pernambuco, pelos quais se não tem descoberto caminho, nem se vadeiam, em razão dos muitos gentios bravos que neles habitavam, e os se tem chegado, pela parte desta povoação, a avistar uma serra chamada o Araripe, que dizem ser muita alta e que na superfície tem plano de 50 léguas. De uma e outra parte está rodeada de várias nações de Tapuias bravos... Rio Grande e o Rio Preto que se metem no Rio São Francisco... estes rios estão ao sertão povoado de muitos tapuias bravos, valentes guerreiros... como são os Rodeleiros... Para parte do sul, confina esta povoação com o rio de São Francisco, para qual tem dois caminhos com distância igual de 40 léguas, por entre matos desertos, em que não se acha água no tempo da seca (CARVALHO apud MELO 2009, p.27).

A localização geográfica na qual se encontra o grupo aqui estudado representa um nexos com o grupo étnico Kariri.

Os Kariris (ou Cariris) são uma família indígena predominante no Nordeste, presentes desde o Ceará e a Paraíba até a porção setentrional do sertão baiano. Dominavam especificamente o Planalto da Borborema e as serras dos Kariri e do Araripe. A partir do século XVII esses grupos foram deslocados e espalhados em regiões vizinhas (entre elas o Piauí) em um trabalho de catequético denominado missões rurais (DANTAS; SAMPAIO E CARVALHO, 1998, p.438).

**Ilustração 1:** Mapa Etno Histórico do Brasil elaborado pelo etnólogo Curt Nimuendajú. Indica um grupo Kariri na região abordada (ilustrado próximo a fronteira entre Piauí, Pernambuco e Bahia. Recorte da área estudada, correspondente a Serra Dois Irmãos (Serra Grande), selecionada em vermelho.



<sup>4</sup> O texto original é grafado como: “Dezcripção do certão do Peauhy” e foi originalmente publicado em 1697. Aqui acessamos parte dos escritos, através da publicação “Comentários sobre a descrição do sertão do Piauí” do padre e historiador Cláudio de Melo (2009).

Em Pesquisas Para a História do Piauí, obra do célebre historiador piauiense Odilon Nunes (2007), no primeiro capítulo intitulado "Pré-história: primeiros contatos com a terra" o autor aborda o evento da chegada e fixação dos primeiros colonizadores e o tipo de relação que estes tinham com os grupos autóctones. Afirma ser o nomadismo, um fator que dificultava a nomeação desses grupos enquanto coletivos:

Difícil é nomear os índios de determinada região, pois de um modo geral eram nômades; podemos, todavia, nomear os ocupantes da região num determinado período, ou ainda os que nela se fixaram por mais longo tempo, testemunhar a prodigalidade da terra ocupada (NUNES, 2007).

Atualmente convencionou-se falar em seis etnias que existiram em território piauiense: Acroás, Guegues, Jaicos, Pimenteiras, Tremembé e Tabajaras.

João Gabriel Baptista (1986) faz uma compilação das principais cartas geográficas que descrevem o Piauí do século XVII ao XX. Apresenta um quadro resumido da distribuição das nações indígenas locais apontada por Pe. Miguel Carvalho em Descrição do sertão do Peauhy de 1694. Ao longo do texto, são citadas 36 tribos, juntamente com sua localização.: Aroaquizes, Carapotangas, Precatis, Acuruás, Rodeleiros, Beçudos, Bocorereimas, Cupequacas, Cupicheres, Aranez, Corerás, Aitetus, Abetiras, Beirtés, Guarás, Nongazes, Tremembés, Anassus, Alongaz, Aruás, Corsiãus, Lanceiros, Araiêz, Acumês, Guaratizes, Jaicós, Cupinharoz, Jendoiz, Icós, Uriús, Gutanez, Goiás, Anicuaz, Mocamaçus, Ubatês, Meataus, sendo que estas nove últimas tribos de acordo com Batista (1986), não são piauiense, apenas entraram em lutas com fazendeiros piauienses.

Entre as tribos que se encontram na área de interesse deste trabalho (sudeste do Piauí) tem-se: os Cupenharoz<sup>5</sup>, Coaratizes, Jaicós, Jendoiz, Meatanz, Ubates, Urius, Ycos (BAPTISTA, 1986 p. 29-45).

De acordo com Odilon Nunes (2007) os mais antigos documentos que se referem ao Piauí nos fazem conhecer os Tremembés, os Acroás, Cupinharoes, Tabajaras e Amoipiras, como povoadores da bacia do Parnaíba. Ele detalha:

Os Cupinharoes e os Amoipiras parece que não se estabeleceram por longo tempo na bacia oriental do Parnaíba... Os Amoipira ocupavam a margem esquerda do São Francisco, a cento e cinquenta léguas da Bahia, onde

---

<sup>5</sup> Como descreve Pe. Miguel Carvalho (1697 apud MELO, 2009): moram no Canindé e são os que têm feito maiores danos nesta povoação e os Precotis que se enterram debaixo da terra para fazerem espera aos brancos e, com a barriga amarrada com cordas correm mais do que cavalos e não tocam a terra se não com as pontas dos pés. Humana Res, v. 1, n. 4, 2021, . ISSN: 2675-3901 p. 36 a 51, jan. a ago. 2021

## TRAJETÓRIA TEMPORAL E TERRITORIAL DOS KARIRI DA SERRA GRANDE – QUEIMADA NOVA- PI

bandeiras religiosas mantêm contato com os mesmos e fazem, então, dois descimentos em penosas viagens de longos meses... Os Cupinharoes ocuparam o Canindé. Mantiveram contato com os devassadores, converteram-se em aliança, para mais tarde lhes oferecer resistência e enfim abandonar duma vez a bacia oriental do Parnaíba. Os Tremembés ocuparam o delta do Parnaíba e parte do litoral do Maranhão e Ceará. Os Aroas de todos eram os tapuias mais bravos e tinham domicílio à margem do Sambito, afluente do Poti. Os Tabajaras eram descendentes dos que vieram pelo São Francisco, alcançaram a Serra do Araripe, e finalmente Ibiapaba. Eram tupis que vieram para o Piauí pelo rio, desviaram sua rota do litoral, em virtude da resistência oferecida pelos cariris que demoravam, então, na atual região do nordeste, e que ainda não foram bem definidos pelos etnólogos (NUNES, 2007, 29-30).

40

Ainda na mesma obra o autor cita em vários momentos os índios Cariri como uma incógnita, considerando, porém, a importante participação desses no momento histórico que aborda. Afirma que, a maior parte dos indígenas tapuias do Piauí eram do ramo Cariri, cuja palavra quer dizer tristonho, calado, silencioso.

Os Cariri constituem ainda um problema obscuro para os etnólogos. Uns classificam-nos como grupo autônomo; outros, como mestiços resultantes de aruaques e caraíbas, e ainda outros, misturas de tupi e tapuia. Em verdade há contatos culturais entre os cariris e os aruaques e caraíbas (NUNES, 2007, p.30).

Assim como a família Jê, a família Kariri já foi muito diversificada. Enquanto os primeiros eram os senhores dos Cerrados, os segundos foram os senhores das Caatingas (SANTOS, 2013 p.288). Em seu trabalho em etnogeografia Rodrigo Martins dos Santos (2013), em capítulo que localiza as etnias gerazeiras, os cariri são apresentados na subseção de famílias indígenas com menor presença nos gerais. O autor escreve, “apesar de nem uma dessas famílias se restringiram aos respectivos biomas, os Jê também ocupam o sul e leste da Amazônia, a floresta de araucárias da Mata Atlântica, e já ocuparam uma pequena porção da Caatinga no Piauí” (idem) .

A língua falada pelos Kariri, apesar de ser considerada uma família linguística extinta encontra-se incluída no tronco linguístico macro-jê.

Julie Cavignac (2003) citando outros autores, descreve alguns hábitos, procedência e motivos de deslocamento de grupos Cariri que viviam na área correspondente ao estado do Rio Grande do Norte:

Pouco se sabe sobre os grupos que habitavam o interior, porém podemos pensar que, antes do contato, existia uma grande diversidade cultural e

linguística; muitos deles pertenciam à família linguística Kariri... Eram agricultores - não totalmente nômades, como poderíamos pensar, mas tinham uma grande mobilidade dentro do seu território (Dantas 1941: 97; Lopes 1999; Puntoni 2002; Pires 1990) [...] Perseguidos pelos colonos que queriam tornar-se donos de suas terras para iniciar a criação de gado e escravizá-los, eles foram tirados delas pelos bandeirantes (Portalegre et alii.1994: 157-158). Muitos índios teriam se refugiado primeiro nas montanhas, nas chãs ou sopés das serras, nas cabeceiras ou nas nascentes dos rios para fugir do inimigo, indo, cada vez mais, para o interior (Jofilly 1977: 118). Por exemplo, os índios Cariri, originários de uma região próxima ao Seridó, na Serra da Borborema, fugiram para o Ceará, onde deram o seu nome aos Cariris Novos. Região montanhosa e relativamente fértil, que foi ocupada, efetivamente, só no século XIX pelos colonos (Albuquerque 1989: 84). Os Canindé fugiram da região do Seridó, supõe-se, no início do século XVIII (CAVIGNAC, 2003, p. 16-17).

Recorrer à história indígena do estado do Piauí ou da região da caatinga, e à vinculação dos Kariri de Serra Grande aos grupos indígenas do passado não restringe a compreensão do processo de etnogênese à obtenção de provas históricas. Também não nos impede de observá-lo no presente, nem implica em que o caso esteja sendo tratado unicamente pela expectativa de se encontrar um *continuum* coerente, apesar das reivindicações de autoidentificação serem apresentadas dessa forma muitas vezes, pelo próprio grupo, que explicam seus vínculos com ancestralidade com base no lugar vivido. Afinal, não estão soltos no tempo e no espaço e possuem existência física e concreta. Porém, fica evidente a consciência expressa de que muitos hábitos e práticas não puderam ser mantidos, devido a interrupções, influências de terceiros, ou mesmo a rejeição de alguns membros em face do preconceito e das feridas morais que a identidade implicava.

Entende-se que a influência das temporalidades não obedece a vontade consciente dos que estão a esta sujeitos. O que se buscou nesse pequeno resgate histórico, foi fazer uma contextualização temporal daquilo que se tem registrado na memória oficial, por meio de livros e documentos sobre os grupos indígenas que viveram nos sertões do Piauí, área onde estão inseridos os Kariri de Serra Grande. Torna-se também interessante fazer esse “resgate” porque aparece como uma preocupação constante das lideranças do grupo, “de um passado perdido”, como expressa a cacica Francisca Kariri, pela frustração em não ter uma “história consistente” para si e para os “outros”:

Eu sei que surge piada, que surge desconhecimento, de saber cuma foi de saber como nós se descobriu de ser índio (sobre o fato de terem se declarado

## TRAJETÓRIA TEMPORAL E TERRITORIAL DOS KARIRI DA SERRA GRANDE – QUEIMADA NOVA- PI

indígenas publicamente). Os grupos que nós trabalha até ajuda a gente ir atrás desses conhecimentos (sobre os quilombolas) (Francisca Kariri, 2014)<sup>6</sup>.

Nesse caso não é possível fazer um trabalho minucioso de confrontação entre história oficial e história local, pois são escassas as fontes. Tentar levantar uma história oral, extraída por meio da memória, foi dificultado pelo fato de serem poucas pessoas que se arriscam a contar "histórias ou estórias", sendo que algumas pessoas indicadas como possíveis informantes se negam a falar sobre certos assuntos, como o exemplo de o caso Dona Luzia apontada como guardiã da memória, mas que se recusou a entrar em certos assuntos devido à adesão recente a certa crença religiosa, sendo assim uma memória interrompida:

De noite... eu porque sou crente não vou mais contar aquelas histórias, deus me guarde! Mas o papai contava tanta história, tanta história, que eu não de onde saia tanta. Mas depois que eu aceitei Jesus eu num conto mais não! Deus me guarde dessas coisas que eu não vi! (Luzia Xavier, 2014).

As formulações a seguir, foram tecidas com base nas falas de duas anciãs da comunidade Kariri da Serra Grande: Maria do Carmo e Tereza Xavier. As falas foram coletadas por meio de entrevistas semi-estruturadas, como também por conversas informais durante o período de pesquisa de campo, entre os anos de 2013 e 2014.

No que se refere à memória dos Kariri de Serra Grande em relação aos seus antepassados, foi possível notar a centralidade e recorrências de três aspectos dos Kariri ancestrais nos relatos dos Kariri contemporâneo. O que percebemos ser relatado com grande estranhamento pode ser resumido em três itens: hábitos alimentares, a moradia e a “brabeza”.

Um hábito que é sempre contado com muito estranhamento e de forma bem espontânea é o hábito que “esses caboclos” tinham de comer mel com carne.

...Diz que eles comiam mel. Ah! Eles matavam bicho. Diz que era com carne. Sem sal! Era com carne sem sal. Matava bicho, matava gente... Eles matavam gente! Pa cumer assado. O povo mais véi falava... que eles matava gente, aí cabava queimava, fazia um fogão, e ai assava e comia com mel. Daquele tempo tinha muita abéia. Diz que era. E era sem sal! (Maria do Carmo, 2014).

Tal hábito também foi relatado com o mesmo nível de empolgação por um mestre griô em uma comunidade negra rural em um município vizinho (que é procedente de um município

---

<sup>6</sup> Fala colhida pela autora durante pesquisa de campo na comunidade Kariri da Serra Grande entre os anos 2013 e 2014.

que juntamente com Queimada Nova faziam parte do mesmo município – Paulistana – antes de serem emancipados).

(...) esses índios eram brabu, cumiam gente assada e mel. Vi um forno que os índios assavam gente... fica no Juazeiro, onde tem uma pedra iscrivida. Chamavam os índios de papa-mel. Eles passava mel pra ficar bonito. Passava no cabelo e rolava na areia. Saíram de lá na carreira de cachorro. Viviam no pedregulho, depois se mudaram pra mata. Diz que onde eles morava a água era rasiinha, depois que eles saíram a água sumiu com eles... parece que encantaram (A.F.X Comunidade Gatinho - São Francisco de Assis do Piauí).

Quanto à moradia (em furnas e pedregulhos) os relatos serão expostos adiante em outro subtópico. Nos relatos sobre a “brabeza” desses caboclos também podemos identificar o momento da “chegada e da saída” destes da serra:

...foi os caboco que chegaram primeiro. Eles (os fazendeiros) entraram aí já escurraçando os caboco, porque os índios já moravam aí. Porque os índios dessa época eram pessoas que eram brabas, eles num tinha modi de gente. Eles se afastava. Eu podia atrás do povo mais velho pra examinar essa questão, minha vó, minha bisavó, que era mais próxima da geração desse povo.... mas o povo mais velho não contavam, que aconteciam não (Luzia Xavier, 2014).

A matrilinearidade e as formas de capturas de suas ancestrais também são realçadas nos relatos de Luzia Xavier e Maria Do Carmo.

C: Era no sertão que eles ficavam, aqui perto da serra? Quem chegou aqui primeiro? Foi esses cabocos ou esses fazendeiros?

MC: Primeiro foi eles. Num sei de onde vieram. Acho que vieram de outro canto. Nem sei de onde foi o lugar que eles vieram, só sei que apareceram aí e moraram muito tempo. Se eles (os “fazendeiros”) pagassem no mato eles matavam... O povo vieram depois que eles (índios) viam cachorro latir, o povo foi criando cachorro, vendo cachorro latir, aí é que espantavam, quando viam o cachorro latir tinha medo. Aí espantavam porque o povo queria onde morar. Aí dento desses mato tinha era muito (índio)... Aí foram criando cachorro e eles foram ficando com medo. Essa muié (referindo-se a sua bisavó) que pegaram foi com cachorro...

C: Eles foram embora para onde?

MC: Quem sabe? Deve tá no mundo. Prum lugar que não tinha casa, num tinha cachorro. O sangue deles tá aqui ainda nas veias de nós (Maria do Carmo, Serra Grande, junho 2013).

## LUGARES DE MEMÓRIA

Segundo o sociólogo Maurice Halbwachs (2003, p.17), “não há memória coletiva que não aconteça em um contexto espacial”. O espaço e as coisas imóveis, por estarem sempre lá, Humana Res, v. 1, n. 4, 2021, . ISSN: 2675-3901 p. 36 a 51, jan. a ago. 2021

## TRAJETÓRIA TEMPORAL E TERRITORIAL DOS KARIRI DA SERRA GRANDE – QUEIMADA NOVA- PI

oferecem uma estabilidade e familiaridade imagética do espaço vivido. Uma narrativa recorrente entre os Kariri da Serra Grande para afirmar que compartilham os espaços, sobrepostos por temporalidades, com seus antepassados, são os lugares onde esses índios fizeram morada. A afirmação de que lá habitaram se dá pela observação de vestígios materiais (panelinhas de pedra e restos de fogueira) e sua vinculação com práticas antigas (se abrigar em pedreiras quando fosse preciso) ou, por memória de acontecimentos "vividos por tabela", contado por avô, escutada de tataravós e assim por diante, o que é possível de perceber nos relatos que se seguem:

44

Na baixa da Toca do Papagaio eu alcancei um monte de coisa: é panelinha na Baixa do Embuzeiro, taco de panela... de junto a fonte. Para o lado direito é o Pernambuco, para o lado esquerdo é a Toca do Papagaio, que já é nas águas que desce para o Piauí. A Toca do Papagaio é numa pedreira no beicho da serra, uma pedreira lá mais alta que essa cumieira, cê tem que virar o pescoço para olhar o topo da pedra. Aí embaixo no pé da pedra tem a loca e tem uma pedra no meio que é tipo um quarto. Aí tem uma loca no meio que é tipo um beco; aí entra assim e vai assim e lá dentro é cheio de cinza, de toco de pau queimado, ali morava gente. O pessoal dizia que era os cabocos... essas terras tudo, esses troncos de morro! (Luzia Xavier, 2014).

Como indica a história das ocupações espaciais, os lugares priorizados pelos grupos que não detinham tecnologia hidráulica sofisticada, eram os mais próximos de fontes hídricas naturais. Essa preferência é agravada em lugares de pouca umidade e escassas fontes de água, o que vem estar de acordo com o que afirma Dona Luzia Xavier:

Aqui tinha o caldeirão na Toca do Papagaio, chamado Caldeirão do Cabelo, que tem uma porção de água assim, que os passarim bebe todo dia. Eu não sei se num tem mais que eu não andei mais para esses lado aí não. Era morada deles que eles pegavam água nessas fontes aí e subiam. Aqui no Minador eles moravam nessa pedreira aí... e no poço também tem outro olho d'água; no Sumidouro tem outro olho d'água também, e assim sucessivamente. e ali tem o barreiro; tem esse que a Paixão (sua nora) falou no Santo Antônio e tem em vários lugares aí que era morada deles por causa das águas. A morada da minha família era na Cachoeira do Roberto, é um lugar de terras boas!

De acordo com os relatos, os índios fizeram morada em vários lugares da serra e também nas proximidades. Os lugares listados são: Caldeirão do Cabelo que fica na Toca do Papagaio, um olho d'água que fica na direção do Poço e outro olho d'água para o lado do Sumidouro, a fonte na Cachoeira do Roberto, um Minador no Santo Antônio (no município de Lagoa do Barro) que é ligado ao Minador da Serra Grande. Como acrescenta Dona Paixão, natural da localidade Santo Antônio e descendente desses índios que lá viveram: "Lá era lugar dos índios, Humana Res, v. 1, n. 4, 2021, . ISSN: 2675-3901 p. 36 a 51, jan. a ago. 2021

tem umas pedreiras com as escrivatinhas dos índios, era lá que gente lavava roupa. A do Minador ficava os daqui e a de lá ficava os de lá".

Outros lugares fora da serra também podem ser citados porque marcam a memória de outros grupos locais. Na comunidade quilombola Tapuio (antes chamada Vista Velha) ouvimos relatos de que ali era uma passagem dos índios que iam em direção ao sul da Bahia. Estes índios: "Passavam por um riacho para tomar banho e tomar água, era uma passagem molhada". Dizem também que em outro lugar próximo dali, chamado Vereda do Engenho tinha uma pedra que esses índios gravaram seu nome, mas que foram arrancadas pelos "coelhos" que hoje tem propriedade dessas terras. Afirmam ainda com firmeza que "esses tapuios eram índios nômades".

Sobre a fonte do Minador da qual os Kariri demonstram especial zelo, podemos obter dados referentes à memória de seus ancestrais mais próximos, até onde a memórias de seus avós alcançam. Como foi narrado, lá eles iam pra tomar banho e beber água e moravam ali próximo, nas furnas em meio às pedras.

Eu digo que eles moravam nas pedras porque o povo nem achou as casas os lugar que eles morava acho que eles morava... acho que era nas furnas. Diz que cabia o povo dentro e num moiava... mas hoje ninguém entra, que deve ter cobra. Tem um povo que diz que no lugar que eles andavam, deixavam letras (Maria do Carmo, Serra Grande, julho de 2013).

### Reforça Dona Luzia

História de índio quem contava era minha mãe, que a tataravó dela tinha sido pegada na cachoeira, pelo finado Bento, que era o tataravó dela, ele era vaqueiro, ai disse que ia caçar um gado, aí tinha um carreiro, ai panchou o carreiro... Era mata... nesse tempo num tinha gente aí não, só tinha caboco mesmo.... nessas quebrada aí. Nessa época num tinha gente, morador não, depois que o povo foram entrando e expulsando eles e matando aí acabou. Aqui era terra de caboco, nessa zona aqui. De cachoeira pra cá. Isso aqui tudo era moradia de caboco. Aí tem umas pedreira grande que tudo era moradia de caboco, eles morava nessa toca de pedra ai. Sei que tinha lugar ai que parecia uma casa, tem pedreira ai que parece uma casa, chega tem aqueles quarto assim. Nas cabeceiras do Caldeirão aqui, tem um lugar aí chamado Toca do Papagaio, que eu conheci lá. Era ô, um montão de borraio, montão de cinza que tinha lá...nera coisinha poca não! morava muita gente porque tinha muita cinza na pedreira lá. Eles pegavam água no caldeirão. Tinha um caldeirão que eles tamparam. Esse aqui, o Minador também era fonte dos índios, eles tamparam...

As duas entrevistadas fazem constantemente uma separação entre esses caboclos, mesmo tendo consciência de pertencerem a uma linhagem e a sua geração, deixando claro que Humana Res, v. 1, n. 4, 2021, . ISSN: 2675-3901 p. 36 a 51, jan. a ago. 2021

## TRAJETÓRIA TEMPORAL E TERRITORIAL DOS KARIRI DA SERRA GRANDE – QUEIMADA NOVA- PI

detêm uma rasa memória em relação a uma história mais detalhada, contada por estes. Como estas mesmas explicam, "os mais velhos não falam disso, pois tinham temor e remorso".

Caso parecido foi tratado por Carmem Lima (2007) com os Potiguaras da Serra das Matas, que encontrou relatos recorrentes de olhos d'águas entupidos pelos índios. Segundo a autora, esses acontecimentos estão ligados a um tempo em que o sertão era habitado por índios. "Nesse período não havia problema com falta d'água, pois os olhos d'água presente em seu meio, acrescido do hábito de migrar, possibilitavam uma forma de vida integrada a esse ambiente" (LIMA, 2007, p.95). A antropóloga apresenta então o depoimento de um indígena Potiguara:

Meu avô contou pro meu pai que os mais velhos contavam que os índios bebiam dum olho d'água... Eles tiravam água desse olho d'água desse pé da serra, junto de uma pedra grande. Aí quando foi neste tempo que estes homens de fora chegaram com o gado, aí eles saíram... Saíram, mas entupiram os olhos d'água tudinho, pra ver se esses homens iam embora.<sup>7</sup>

Supõe-se pelos relatos sobre a repressão aos costumes e ao modo de vida, pelo “processo de domesticação” e pela expulsão dos demais caboclos daquela área, que parte da memória foi obliterada ou foi tornada desinteressante, símbolo de um sistema cultural que se pretende suplantar e devido principalmente a um histórico de violência a “um povo que não era considerado gente”.

Fica a curiosidade em saber como era a relação dessas “índias pegadas a cachorro e amansadas” com seus descendentes mais próximos, com seus filhos, e sua relação com sua identidade enquanto cabocla.

Esses índios aos quais o passado se refere (através da historiografia e da memória extra-oficial) não passaram, como em boa parte dos casos no Brasil, por um processo de aldeamento; não tiveram contato com as relações de mercado da época, tampouco sofreram algum tipo de intervenção de órgãos indigenistas. Eram, como expresso nos relatos e como o etnônimo que lhes atribuíram, brabos, solitários, resistindo ter contato com outros grupos. Além disso, tímidos do ponto de vista da produção de cultura material, da produção de artefatos e com ausência de mitos e ritos (registrados, pelo menos), porém não há referências a traços fenotípicos

---

<sup>7</sup> Cícero João, 71 anos, Longá. Depoimento colhido por Carmem Lima (2007, p.95-96).  
Humana Res, v. 1, n. 4, 2021, . ISSN: 2675-3901 p. 36 a 51, jan. a ago. 2021

“exóticos”<sup>8</sup>. Ou seja, apresentavam desde o início, ausência de traços diacríticos que possam ser lembrados atualmente como elemento de contraste com relação a outros grupos.

A relação de pertencimento étnico e sua vinculação territorial pode ser observada em relatos orais fornecidos pelos Kariri de Serra Grande. De acordo com Halbwachs, citado por Pollak (1992 p. 2) a memória deve ser entendida como próprio da pessoa, mas, sobretudo, como um fenômeno coletivo e social, ou seja, como um fenômeno construído coletivamente e submetido a flutuações, transformações e mudanças constantes. Pollak acrescenta apontando os elementos constitutivos da memória individual e coletiva<sup>9</sup> que temos: acontecimentos vividos pessoalmente; acontecimentos vividos “por tabela”; pessoas e/ou personagens e lugares.

O fragmento a seguir do depoimento de Francisca Kariri, liderança no processo de emergência étnica e acesso aos direitos territoriais, retratam a predominância dos elementos apontados acima.

...Como se a gente se envergonhasse de dizer o que nós era e aí os outros povos se aproximava da gente e a gente convivia com os outros povos e agora vai ser um trabalho da gente resgatar aquilo que era nosso, a nossa cultura do passado que vivia. As pessoas mais antigas já foram, meus avós e bisavós já morreram... As pessoas mais velhas são de sessenta a oitenta anos. Nós temos a memória de alguma coisa que contavam pra gente, principalmente as formas de discriminação. Nós fomos tão atacados que nossos antepassados viviam ali foragidos, com medo, nas tocas que temos lá, as tocas deles nas pedras. E as fontes, temos três fontes tampadas lá por causa que o povo expulsaram nós, fomos expulsos e mortos e os restantes que ficaram ali escondidos (nas tocas nas pedras) foram obrigados a tampar estas fontes porque os outros povos que chegaram ali expulsaram eles se apropriaram. Aí eles disseram —você podem ficar, mas as águas não vão ficar com vocês- que era pra ver se eles iam embora. Sempre, quem mais ficou foram as mulheres que eram pegas por

---

<sup>8</sup> Considerando que não há porque seus descendentes os considerarem exóticos fenotipicamente, já que carregam impresso no corpo semelhanças que a carga genética permite.

<sup>9</sup> Quais são, portanto, os elementos constitutivos da memória, individual ou coletiva? Em primeiro lugar, são os acontecimentos vividos pessoalmente. Em segundo lugar, são os acontecimentos que eu chamaria de "vividos por tabela", ou seja, acontecimentos vividos pelo grupo ou pela coletividade à qual a pessoa se sente pertencer. São acontecimentos dos quais a pessoa nem sempre participou, mas que, no imaginário, tomaram tamanho relevo que, no fim das contas, é quase impossível que ela consiga saber se participou ou não. Se fomos mais longe, a esses acontecimentos vividos por tabela vêm se juntar todos os eventos que não se situam dentro do espaço-tempo de uma pessoa ou de um grupo. É perfeitamente possível que, por meio da socialização política, ou da socialização histórica, ocorra um fenômeno de projeção ou de identificação com determinado passado, tão forte que podemos falar numa memória quase que herdada [...] A memória é também constituída por *pessoas, personagens*. Falar de personagens realmente encontradas no decorrer da vida, de personagens [...] frequentadas por tabela, indiretamente, mas que, por assim dizer, se transformaram quase que em conhecidas, e ainda de personagens que não pertenceram necessariamente ao espaço-tempo da pessoa [...] E lugares da memória, lugares particularmente ligados a uma lembrança, que pode ser uma lembrança pessoal, mas também pode não ter apoio no tempo cronológico (POLLAK, 1992, p.2-3).

## TRAJETÓRIA TEMPORAL E TERRITORIAL DOS KARIRI DA SERRA GRANDE – QUEIMADA NOVA- PI

eles... pra servir como mulher pra eles. Aí foi nós que ficamos aí, os netos dessas famílias que serviram das mulher que ficaram da nossa comunidade.<sup>10</sup>

Situação similar foi retratada por Pantoja, Costa e Almeida (2011) sobre as "correrias" de que descendemos Kuntanawa no Acre:

Os padrões dos seringais organizavam as chamadas ‘correrias’, expedições armadas que cercavam e invadiam as malocas indígenas a pretexto de retaliar ataques indígenas ou simplesmente para tomar seus territórios, dizimando seus moradores, mas também aprisionando mulheres e crianças (Wolff, 1999; Pantoja, 2008; Iglesias, 2010). No mesmo período, povos indígenas oriundos do vale do Ucaialy, no Peru, pertencendo ao tronco lingüístico Arawak, migraram para o vale do Juruá, enquanto parte dos povos do tronco Pano refugiou-se nas cabeceiras dos afluentes do Juruá e do Purus, alguns em território peruano, para escapar às ‘correrias’ (Iglesias, 2010). Essa movimentação de povos autóctones e migrantes em um tempo de violência deu origem ao atual mosaico étnico que caracteriza a região. Entre esses povos indígenas deslocados e os migrantes de origem nordestina ocorreram uniões conjugais, e hoje em dia muitas famílias de seringueiros contam com ascendentes indígenas, sobretudo mulheres raptadas enquanto crianças em meio ao massacre de aldeias inteiras (Wolff, 1999; Pantoja, 2008). Os Kuntanawa correspondem a uma única parentela – uma “comunidade de descendência” com continuidade genealógica ao longo de cerca de três gerações, que remonta a mulheres indígenas sobreviventes de ‘correrias’ (PANTOJA et al., 2011, p.119).

Em um estudo de genética molecular e filogeografia, o médico geneticista Sérgio Pena (2002) apresenta uma reconstituição da origem geográfica de linhagens genealógicas para compreender o processo que gerou o brasileiro atual. É apresentado como resultado de pesquisa um retrato molecular do Brasil no atual contexto histórico, no qual conclui-se que a maioria das patrilinhagens é europeia, enquanto a maioria das matrinhagens é ameríndia ou africana. Tal quadro é explicado pelo povoamento pós-cabralino que foi até o início do século XIX feito por homens de origem europeia. “Os primeiros imigrantes portugueses não trouxeram suas mulheres, e registros históricos indicam que iniciaram rapidamente um processo de miscigenação com mulheres indígena” (PENA 2002, p. 27).

Como expresso no relato de Francisca Kariri (acima) e de Luzia Xavier (abaixo), a memória ancestral é referente somente à figura feminina, a uma matrinhagem.

Todas essas pessoas que a gente escuta que tinha a **parentela de caboclo, tudo era mulher!** Minha bisavó, da parte de minha mãe e da parte de meu pai

<sup>10</sup> Francisca Kariri, entrevista colhida por May Waddington, 2011.

também. O Herculano, ele falava que era só mulher também. Do finado Mané Cicilia, que é o avô dessa menina aqui, também era mulher e assim sucessivamente. Eu num vi nenhum caboco homem, tudo era mulher, que casou na família dos brancos (Luzia Xavier, 2014).

Narrativas desta natureza também são recorrente entre outros grupos indígenas do sertão nordestino, como é o caso do Seridó no Rio Grande do Norte. Helder Macedo (2010) discorre sobre as capturas de mulheres indígenas pelos colonizadores (fazendeiros e vaqueiros). Parafrazeando Luís Câmara Cascudo, o autor coloca as cabocla-brabas como “constituente da genealogia das famílias do Seridó”<sup>11</sup>. Caboclo foi um termo genérico atribuído aos indígenas do sertão do nordeste que sobreviveram a inúmeros ataques físicos e simbólicos, sobretudo, após o período que compreendeu a Guerra dos Bárbaros (1683-1725), episódios de confrontos que tiveram como resultado espalhamentos territoriais e apagamentos parciais ou totais na memória local.

Escondidos nos pés de serra ou nas suas chãs e homiziados nas furnas e grotas, fugindo a todo tempo do alastramento da fronteira pastorícia, foram literalmente *caçados* pelos conquistadores, que, montados em cavalos e com a ajuda de cães de caça, domaram a sua brabeza. Ainda que existam alguns relatos acerca de caboclos-brabos (Soares e Pereira, 2000, p.17-8; 21), a maior incidência de histórias de família coletadas dentre as memórias individuais dos seridoenses recai sobre a presença de caboclas como tronco genealógico ancestral (MACEDO, 2010, p.2).

**Ilustração 2:** O uso de cachorros e cavalos foi uma das principais armas utilizadas nas capturas de índios, principalmente na América Portuguesa, pois os grupos indígenas não conheciam e temiam tais animais.



Além dessas contribuições para o entendimento da memória na construção da identidade Michael Pollak (1992, p.5) aponta ainda três elementos essenciais: unidade física (o sentimento

<sup>11</sup> CASCUDO apud MACEDO (2010, p. 3).

## TRAJETÓRIA TEMPORAL E TERRITORIAL DOS KARIRI DA SERRA GRANDE – QUEIMADA NOVA- PI

de ter fronteiras físicas, ou melhor, de pertencimento geográfico, em casos coletivos); uma continuidade dentro do tempo (no sentido físico, moral e psicológico) e a coerência (que irá unificar os diferentes elementos que formam o grupo).

### CONSIDERAÇÕES FINAIS

A reconstrução da história territorial através do recurso da oralidade como fonte de dados, tem o seu valor em organizar e concatenar história locais, em casos que foram secundarizados pela produção historiográfica oficial, que até não muito tempo priorizou retratar em detalhes somente aspectos das vidas das elites políticas econômicas locais, o que equivale a afirmar que, foi priorizado dar destaque a aspectos da vida histórica, social e cultural de um grupo de pessoas com ascendência europeia (mesmo que distante). Os relatos de viajantes e missionários que tiveram vivências nos sertões do Brasil, abstraindo seu teor etnocêntrico na maioria dos casos, tem o seu valor como fonte escrita a indicar a presença indígena em lugares que mais tarde passariam por um processo de invisibilização. Os relatos apreciados neste trabalho indicam a região aqui estudada como uma área de ocorrência da etnia Cariri, entre outras.

O caso dos Kariri do Piauí é um caso de emergência étnica, que consiste em uma situação de autoreconhecimento e recuperação da auto-estima identitária, diante de um longo histórico de situações de privações sociais e preconceitos étnico-racial. Em casos de emergências étnicas como é o caso dos Kariri, a valorização da memória é uma fonte de acesso à tradição que foi interrompida, à história que foi negada.

A mobilidade territorial atribuída a algumas situações indígenas no Brasil não acontece, ou, acontecia, de forma casual. Entre os Kariri de Serra Grande, identificamos diferentes ondas de mobilidade, em diferentes momentos. Excluindo os constantes casos migrações para lugares distantes por motivos de trabalho (principalmente para São Paulo e Petrolina), tratamos aqui apenas da mobilidade que aconteceu na própria Serra Grande. A primeira aconteceu com a chegada da frente pecuarista, que forçaram a saída dos Kariri do lugar onde viviam, as fontes de água existentes na serra. As outras mudanças foram motivadas principalmente por fatores climáticos, aliados à garantia da alimentação.

Nas conversas e entrevistas em que enfatizamos a memória “sobre as coisas de antes” nos deparamos com valiosos relatos sobre os caboclos da serra, hábitos e costumes,

considerados interessantes pelos interlocutores, como: hábitos alimentares, moradia e a “brabeza” (que estão melhores detalhados nos tópicos anteriores).

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICA

ALMEIDA, Mauro de; COSTA, Eliza; PANTOJA, Mariana. **Teoria e prática da etnicidade no Alto Juruá acreano**. Raízes v.33. 2011

ALVES, Dinoelly S. **Arqueologia e Memória: A comunidade indígena Cariri de Serra Grande, Queimada Nova – PI**. Teresina 2011.

BAPTISTA, João Gabriel. **Mapas Geohistóricos**. Teresina, Projeto Petrônio Portela, 1986.

CARVALHO, padre Miguel de, “**Descrição do sertão do Piauí**”, completado e entregue ao bispo de Pernambuco no ano de 1697, (comentários e notas do Padre Cláudio Melo). Teresina: Academia Piauiense de Letras, 1694.

CAVIGNAC, Julie. A etnicidade encoberta: 'índios' e 'negros' no Rio Grande do Norte. **MNEME- Revista de Humanidades**. Caicó 2003.

CIRILO, José & MONTENEGRO, Suzana & CAMPOS, José Nilson. (2010). A questão da água no Semiárido brasileiro. In: **Águas no Brasil**. 2010.

DANTAS, B. G; Sampaio, J. A. L.; Carvalho, M. R. G. Os povos indígenas no nordeste brasileiro: um esboço histórico. In: **História dos índios no Brasil**. Org. Cunha, Manuela. C. Editora: Cia das Letras, 1998.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Tradução: Beatriz Sidou. SP. ed: Centauro, 2003.

LIMA, Carmem Lúcia Silva. **Trajetórias entre contextos e mediações: a construção da etnicidade Potiguara na Serra das Matas**. Recife. 2007.

MACEDO, Helder A. M. **Caboclas Brabas: história indígena do sertão do Seridó por meio da memória dos seus moradores**. Recife 2010.

MELO, Cláudio. **Comentários sobre a Descrição do sertão do Piauí de Pe. Miguel de Carvalho**. 2009.

NUNES, Odilon. **Pesquisas para a história do Piauí Vol I**. Ed: Artenova RJ.1975.

PANTOJA,, M. C., COSTA, E. M. L., & ALMEIDA, Mauro W. B. Teoria e a prática da etnicidade no Alto Juruá acreano. **Raízes: Revista De Ciências Sociais E Econômicas**, 31(1), 118-135. 2011.

PENA, Sérgio. **Homo Brasilis: aspectos genéticos, lingüísticos, históricos e socioantropológicos da formação do povo brasileiro**. 2002

**TRAJETÓRIA TEMPORAL E TERRITORIAL DOS KARIRI DA SERRA GRANDE  
– QUEIMADA NOVA- PI**

POLLAK, Michel. **Memória e identidade social**. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, 1992.

SANTOS, R. M dos. **O gê dos gerais: elementos de uma cartografia para etnohistória do planalto central**: contribuição para a antropogeografia do cerrado. Dissertação de mestrado. Unb. 2013.

WADDINGTON, May. **Encontro de uma ausência: ou onde estão os índios do Piauí?** . Revista ABA. 2012.